

NAVEGAR É PRECISO: A REPRESENTAÇÃO DO LEITOR IMERSIVO EM *ABRINDO CAMINHO*, DE ANA MARIA MACHADO

Juliana Pádua Silva Medeiros¹

1 Sociedade contemporânea: ciberespaço e cibercultura

Em virtude dos avanços tecnológicos e a articulação com vários ambientes midiáticos, a sociedade, cada vez mais, se vê inserida em um ciberespaço, onde ocorre o intercâmbio de culturas, saberes e textos.

Com base nas teorias de Lévy (1999), é possível fazer uma analogia dessa dinâmica com um labirinto vivo, que se reproduz, de modo a atingir a essência paradoxal da cibercultura.

Tal expressão é repleta de significados, entretanto pode-se compreender como “a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática nos anos 70”. (LEMOS, 2003: 12),

Diante disso, verifica-se que a cibercultura, promove o ciberespaço, favorecendo o engendramento de novas linguagens, que, conseqüentemente, exige formas de leitura diferenciadas, as quais fazem emergir o leitor imersivo que está “em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, em um roteiro multilinear, multisequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeos etc.”. (SANTAELLA, 2007: 33)

No entanto, o nascimento dessa nova esfera textual não sentencia a morte daquelas que as precederam, pois “um meio se alimenta do outro ao mesmo tempo em que o retroalimenta.” (SANTAELLA, 1996: 140)

Dessa forma, torna-se fundamental destacar que, nesse fluxo de linguagens, a obra impressa, também, é afetada pela cibercultura, assim, constituindo-se em um campo fértil de experimentações literárias, especialmente, para crianças e jovens.

Diversos códigos migram para livro, da mesma forma como códigos do livro migram para outros suportes, e, com esse trânsito, os textos vão assumindo características de estrutura hipertextual; o que vai requerer um programa de

¹ Universidade de São Paulo (USP)

acesso via leitura com características de um mapa de navegação multidirecional e interativo do hipertexto do computador para explorar os limites e possibilidades desse hiperlivro, feito de *links* múltiplos, que vão traçando vias permutacionais pelas quais é possível navegar. (CUNHA, 2008:49)

2 Hipertexto

Nota-se que não há uma unanimidade entre os teóricos, quanto à definição do termo *hipertexto*, quando se trata do suporte, tendo em vista que alguns críticos delimitam-na somente ao uso do computador.

Todavia, apesar de referir ao texto eletrônico, o conceito formulado a seguir, também, pode abarcar aqueles veiculados nos meios tradicionais.

Hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. [...] Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LÉVY, 1993: 33)

Contudo, é Dilvo I. Ristoff, no prefácio do livro *Leituras do hipertexto: Viagem ao Dicionário Kazar*, que resume a perspectiva norteadora deste trabalho.

[...] Wandelli conclui que “o aparato eletrônico não determina a hipertextualidade, mas opera junto com ela. O hipertexto é um processo de leitura e escrita, uma potencialidade que pode ou não ser ativada em determinado meio”. [...] Para Wandelli é, pois, falsa a dicotomia entre o livro impresso e o meio eletrônico em termos de oposição binária entre o velho e o novo. As narrativas contemporâneas mostram que o livro impresso também mudou e que a mudança, iniciada de forma dramática nas últimas décadas, não só responde às novas tecnologias da era da informática como de certa forma antecipa algumas de suas estratégias e possibilidades.

Logo, observa-se que a noção de hipertexto, como afirma Wandelli (2003), ainda não está sedimentada devido à grande complexidade epistemológica, pois é bastante discutível se as recentes teorias literárias foram incorporadas pelo universo hipertextual ou se o hipertexto ensinou uma nova forma de revisitar antigas teorias e ler velhos textos.

Para tanto, nessa ilusão cronológica de tentar estabelecer as origens do hipertexto, classifica-se a *Bíblia*, a *Divina Comédia*, *Ulysses*, *Madame Bovary*, *Se um*

viajante numa noite de inverno, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, entre outras obras primas como exemplos de diagramas hipertextuais, no quais são permitidas múltiplas entradas e saídas a partir de um jogo interativo.

Assim, verifica-se que a quebra de linearidade, a escrita em teia, a variedade de recursos gráficos, a fragmentação e a interconectividade são características textuais que não surgiram com o computador.

3 Análise

Com o intuito de elucidar a performance um tanto caótica de certos sistemas com aparente falta de arranjo sistemático, em que, todavia, mantêm coerência e coesão dentro de uma dialética da desordem, recorre-se às contribuições teóricas do hipertexto, tendo em vista que essas disponibilizam novas possibilidades de leitura ao incorporar em sua dinâmica o modo fragmentado e fluido com que a memória opera, pois ele “[...] não é feito para ser lido do começo ao fim, mas sim através de buscas, descobertas e escolhas”. (SANTAELLA, 2007a: 308) Assim, “[...]permite ao leitor abrir janelas e mais janelas no texto, promovendo um encadeamento com outros textos e contextos, sem seguir necessariamente as trilhas já traçadas.” (WALTY, 2006: 117)

Desse modo, no formato hipertextual, consoante com Wandelli (2003), a obra está sujeita a volatilizar-se, seguindo o curso de um rizoma, o qual imbrica em uma cadeia de caminhos formada por vários blocos interdependentes que permite redescobrir a autonomia e a importância das partes.

Logo, tal multiplicidade dota o texto de um excesso de entradas e saídas que pode transbordar por uma linha de fuga e ultrapassar o livro.

Em *Abrindo Caminho*, escrito por Ana Maria Machado e ilustrado por Elisabeth Teixeira, observa-se construções circulares, formas fragmentadas, rizomáticas e labirínticas, que colocam o exemplar em um jogo de interatividade com o leitor, segundo a teoria de Santaella (2007a).

Nessa narrativa, nota-se que a arquitetura textual gira em torno de três grupos, os quais se referem cada um a três personagens². O primeiro trata dos sujeitos ligados à poesia, aludindo a Dante Alighieri, Carlos Drummond de Andrade e Tom Jobim. O

² Uma teia de narrativas originando não apenas caminhos múltiplos de três, mas uma inesgotável fonte de percursos, onde ocorre um agenciamento infinito de histórias dentro de histórias, as quais se completam, aproximam, bifurcam e excluem.

segundo seria das grandes personalidades da História, mencionando Cristóvão Colombo, Marco Pólo e Alberto Santos Dumont. Já o terceiro reporta-se a uma garota, um menino e ao leitor da obra, os quais se relacionam, respectivamente, com as divisões anteriores, tendo em vista que aquela aparece com os livros nas mãos; aquele, com um mapa debaixo dos braços; enquanto esse, como representante e agente de transformação, o co-produtor dos sentidos.

Assim, mesmo que, aparentemente, fragmentadas, as micros narrativas se (re(inter))cruzam, engendrando em um espaço de simultaneidade e sobreposição de acontecimentos que se multiplicam em um diagrama de vozes e combinações, nos quais o leitor é obrigado a ziguezaguear por uma estrutura não mais linear e fixa.

Contudo, o que ocorre é uma conexão multiespaço-temporal que, a partir de *links*, constrói os sentidos em uma vasta rede hipertextual sempre em crescimento, assemelhando-se a uma enciclopédia.

Diante disso, é possível examinar, no primeiro par de páginas da obra, que a ilustração explora a Idade Média, época em que viveu Dante, focando a oposição entre claro e escuro, anjo e demônio, dia e noite, bem e mal. Além de evidenciar as caricaturas de Beatriz e Virgílio, personagens da *Divina Comédia*, dentro de uma selva escura.

Ademais, observa-se que, no próprio exemplar, que esse fragmento do livro conecta com a cena seguinte, na qual trata de Carlos Drummond de Andrade diante de uma pedra, inspiração para o seu poema, que por sua vez, retoma o clássico de Dante Alighieri.

Logo, a leitura, em um movimento de trás para frente, ecoa em outras, que por sua vez, em mais outras.



Fig 1 – Páginas 09 e 10

Já, nessa ilustração, verifica-se que existe, na obra *Abrindo Caminho*, uma ligação entre a palavra *canto* (recanto e cantiga) e as imagens que enriquecem a narrativa, porque o verso “*Cada um no seu canto com seu canto nos chamou. E nenhum de nós, nunca mais ficou sozinho*”³, intertextualiza-se com a gravura de uma criança, manuseando um livro, em seu aconchego, diante de tantos outros na prateleira que convidam-na ao universo da leitura, conduzindo o leitor para dentro da obra.

Ademais, os exemplares que compõe a estante podem ser considerados metonímias - *Bossa Nova, História Universal, Música, Drummond, Enciclopédias, Antologia Poética, Divina Comédia e Poesia* - pois aludem aos personagens mencionados no corpo do livro.

Novamente, uma metáfora do diagrama hipertextual, devido a rede de conexões entre verbal e visual, entre a obra e os conhecimentos do mundo.

A ilustradora Elisabeth Teixeira, com maestria, utiliza-se de outro recurso, a metalinguagem, pois o volume que a menina lê, retoma à mesma gravura registrada nas duas páginas anteriores de *Abrindo Caminho* (um livro dentro de outro livro), em um movimento ziguezagueante de ir e vir no andamento narrativo.

Também, é observável, na mesma ilustração, que a janela se constitui de quatro quadros, sendo três referentes às cenas vistas no transcorrer da narrativa não-verbal: a mata, o rio e as montanhas.

Entretanto, há um, totalmente, em branco, o que pressupõe que ali seria o espaço preenchido pelo leitor, a *janela* a ser ativada, que é ao mesmo tempo paradoxal: lacuna e preenchimento.

Nessa ampla rede de significações, o *escreitor*⁴ tece sentidos, faz conexões, ativa *links*⁵, traçando seus próprios percursos em um movimento multidirecional entre os nós.

Em *Abrindo Caminho*, autora e ilustradora inserem inúmeros *links* na narrativa, agregando interatividade à obra. Entretanto, neste estudo destacar-se-ão apenas alguns no campo não-verbal.

Dessa forma, na capa do livro, percebe-se que, limitando um quadro onde as crianças, também, protagonistas, teriam alcançado o topo do mundo após abrirem inúmeros caminhos, há uma moldura composta por ícones, os quais são elementos

³ O verso, também, se intertextualiza com a música *A banda*, de Chico Buarque.

⁴ Expressão usada por Raquel Wandelli no livro *Leituras do hipertexto: Viagem ao Dicionário Kazar*.

⁵ Os *links* podem ser palavras ou imagens que permitem o movimento da narrativa para frente ou para trás, remetendo a leitura para pontos distantes, como o intuito de provocar dinamicidade ao texto.

presentes no decorrer das histórias, funcionando, assim, como os *links* que ficam nos *menus* das *homepages*.

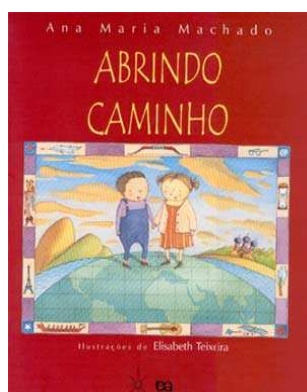


Fig 2 – Capa

Então, no interior do objeto analisado, promovendo o exercício de leitura multinear, aparecem *links*, que possibilitam pontes com outros textos literários.

Portanto, entre os muitos exemplos, são perceptíveis, nas páginas onze e doze, as referências ao livro *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, ao poema *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade e à cidade do Rio de Janeiro, sempre tratada nas canções de Tom Jobim, uma vez que o cenário e a composição das personagens trazem ícones e se fazem ícones para tais retomadas, porque “Os sinais físicos dos personagens também funcionam como *links* que ajudam o leitor a memorizar na narrativa pontos de conexão e similaridade, enquanto outros são largados pelo caminho. [...]” (WANDELLI, 2003: 52)

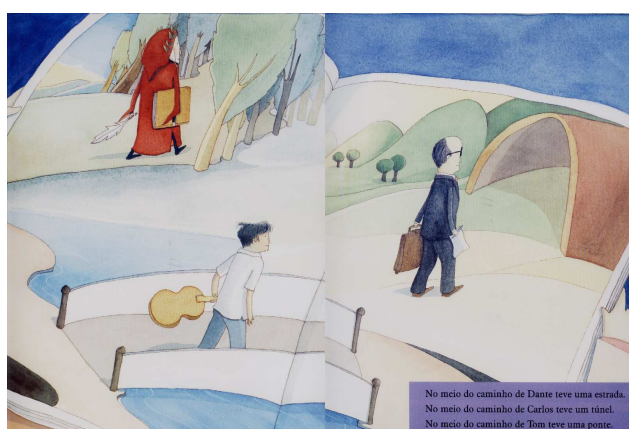


Fig 3- Páginas 11 e 12

Por isso, “Explorar o hipertexto significa entregar-se ao fascínio do percurso, tentando esgotar toda a extensão de seus locais e voltar a pontos percorridos para se ter alguma segurança.” (SANTAELLA, 2007a: 315)

Ou ainda, como afirma Wandelli (2003):

Situar o hipertexto na dinâmica da (re)construção mútua entre prática e teoria, permite contextualizá-lo entre os processos culturais e desfazer a impressão a-histórica de que as novas tecnologias de escrita caíram sobre nossas cabeças como um meteoro vindo do espaço sideral. (WANDELLI, 2003: 27)

Assim, sendo o hipertexto um produto inacabado, que não se reduz à simples unidade, mas ao entrelaçamento e a múltiplas conexões, conclui-se que é necessária uma nova forma de leitura capaz de promover, segundo Barthes (1995), um co-produtor do texto, responsável por atribuir sentido a aquilo que lê e não mais um mero consumidor.

Referências

- BARHTES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- CUNHA, Maria Zilda. *Entre livros e telas – A narrativa para crianças e jovens: saberes sensíveis e olhares críticos*. In. VI Atlântica n.14. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.
- LEMOS, André; CUNHA, Paula (orgs.). *Olhares sobre a Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003
- LÉVY, Pierre, *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34 Letras, 1993.
- _____. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999
- MACHADO, Ana Maria. *Abrindo Caminho*. São Paulo: Ática, 2004.
- SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. Ed. ver e ampl. São Paulo: Experimento, 1996.
- _____. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007a.
- _____. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2007b.
- WALTY, Ivete Lara Camargos. *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. / Ivete Lara Camargos, Maria Nazareth Soares Fonseca, Maria Zilda Ferreira Cury. – 2ª.ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

WANDELLI, Raquel. *Leituras do hipertexto: viagem ao Dicionário Kazar*. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.